

**Comércio, Cooperação e Conflito na Costa Ocidental Africana
(Séculos XV-XVI): Para além do Tráfico Transatlântico de Escravos
– Percurso de Investigação**

*Fernando Jorge Cruz Mouta¹
Universidade do Porto*

Resumo

Este artigo pretende apresentar os pontos principais do percurso de investigação que conduzirá à defesa pública da nossa tese de doutoramento. O projeto centra-se na ação dos agentes comerciais na costa ocidental africana nos séculos XV e XVI, em particular no tráfico transatlântico de escravos. Investigações recentes sublinham o caráter determinante de agentes e redes locais, africanos, nesta dinâmica, que se entende não estar suficientemente provado. Pelo escrutínio exaustivo de fontes publicadas e pesquisa arquivística, procurar-se-á construir um repositório de informação que caracterize e modele as relações comerciais estabelecidas.

Pretende-se desenvolver ferramentas teóricas e metodológicas para compreender os modelos de relacionamento entre portugueses e africanos e perceber a sua importância no (in)sucesso dessas relações comerciais. Baseado em novas questões historiográficas, este projeto contribuirá para uma reflexão sobre o encontro entre a Europa e a África neste período fundamental da história da Humanidade. Também analisará a importância das migrações forçadas na construção de um mundo globalizado, focando-se nos agentes, nas redes transnacionais e transculturais e nos mecanismos formais e informais de interação.

Palavras-chave:

Alteridades; Relações Interculturais; Expansão Portuguesa; Costa Ocidental Africana

Abstract

This paper outlines the focal points of the investigation project that will lead to the public defense of our doctoral thesis. We aim to study the actions of commercial agents in the Portuguese expansion on the west coast of Africa in the fifteenth and sixteenth centuries, with a special focus on the transatlantic slave trade. Recent research underlines the determinant character of local African agents and networks in this dynamic, which is considered not sufficiently proven. Using both archival and published sources, this project pretends to create a repository of information which will characterize, model and conclude on typologies of commercial relations established among the various actors.

We intend to develop theoretical and operational tools to construct a relationship model between Portuguese and Africans, and to understand its importance in the establishment of commercial relations. Looking at them through a different approach, this project will increase knowledge about the meeting between Europe and Africa at a crucial time in the history of humanity. It will also seek to contextualize the importance of forced migration (the transatlantic slave trade) in building a globalized world, focusing on agents, transnational and cross-cultural networks, and formal and informal interaction mechanisms.

Keywords:

Alterities; Intercultural Relations; Portuguese Expansion; West African Coast

¹ Este artigo pretende apresentar os pontos principais do projeto de investigação submetido a avaliação no âmbito de concurso da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), tendo-lhe sido atribuído uma bolsa de doutoramento (SFRH/BD/139662/2018). Apresenta também alguns desenvolvimentos decorrentes das tarefas planificadas que foram acontecendo ao longo do período compreendido entre a submissão do projeto e a publicação deste texto.

1. O ESTABELECIMENTO DE RELAÇÕES COMERCIAIS NA COSTA OCIDENTAL AFRICANA (SÉCULOS XV E XVI)

O nosso projeto de doutoramento – intitulado provisoriamente “Comércio, cooperação e conflito na costa ocidental africana (séculos XV-XVI). Para além do tráfico transatlântico de escravos” – centra-se na ação dos agentes comerciais na Costa Ocidental Africana, desde o Cabo Branco, na Mauritânia, até Benguela, nos séculos centrais da expansão portuguesa”. Investigações recentes sublinham o caráter determinante de agentes africanos e redes locais nesta dinâmica, que se entende não estar suficientemente provado. Pelo escrutínio exaustivo de fontes publicadas e pesquisa arquivística, procurar-se-á construir um repositório de informação que caracterize e modele as relações comerciais estabelecidas.

Pretende-se, em particular, aferir a ação dos agentes locais no estabelecimento dos vários tratos, sem descurar o tráfico transatlântico de escravos, e verificar como os africanos e europeus envolvidos se adaptaram às novas circunstâncias. Aqui torna-se fundamental perceber de que forma os mecanismos de cooperação, confiança e reputação² afetaram a construção destas redes comerciais. Studnicki-Gizbert destaca-se no estudo do papel dos indivíduos e das redes comerciais nestes novos espaços atlânticos.³ Os contatos específicos entre africanos e europeus e o consequente estabelecimento de relações são tratados em várias obras.⁴ Ao considerar em pé de

² Rafael A. Barrio; Tzipe Govezensky; Élfego Ruiz-Gutiérrez e Kimmo K. Kaski, “Modelling Trading Networks and the Role of Trust”, *Physica A*, Nº 471 (2017): 68-79. Leonor Freire Costa; Maria Manuel Rocha e Tanya Araújo, “Social Capital and Economic Performance: Trust and Distrust in Eighteenth-century Gold Shipments from Brazil”, *European Review of Economic History*, Vol. 15, Nº 1 (2011): 1-27. Ebert, Christopher. “European Competition and Cooperation in Pre-Modern Globalization: 'Portuguese' West and Central Africa, 1500-1600”. *African Economic History*, Vol. 36 (2008): 53-78. Gambetta, Diego (ed.), *Trust: Making and Breaking Cooperative Relations* (Cambridge, MA: Basil Blackwell, 1988). Xabier Lamikiz, *Trade and Trust in the Eighteenth-Century Atlantic World: Spanish Merchants and their Overseas Networks* (Suffolk: Boydell & Brewer, 2013). Janet Tai Landa, *Trust, Ethnicity, and Identity. Beyond the New Institutional Economics of Ethnic Trading Networks, Contract Law, and Gift-Exchange* (Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1994). Roy J. Lewicki; Daniel J. McAllister e Robert J. Bies, “Trust & Distrust: New Relationships and Realities”, *The Academy of Management Review*, Vol, 23, Nº 3 (1998): 438-458. Paul E. Lovejoy e David Richardson, “Trust, Pawnship, and Atlantic History: The Institutional Foundations of the Old Calabar Slave Trade”, *The American Historical Review*, Vol. 104, Nº 2 (1999): 333-355. Shu Yu; Sjoerd Beugelsdijk e Jakob de Haan, “Trade, Trust and the Rule of Law”, *European Journal of Political Economy*, Nº 37 (2015): 102-115.

³ Daviken Studnicki-Gizbert, *A Nation Upon the Ocean Sea: Portugal's Atlantic Diaspora and the Crisis of the Spanish Empire, 1492-1640* (Cambridge: Cambridge University Press, 2007).

⁴ Adeyinka Theresa Ajayi, “Dynamics of Trade and Market Management in Pre-Colonial West Africa: A Survey Research in Indigenous Economy”, *American Journal of Humanities and Social Sciences Research*, Vol. 2, Nº 6 (2018): 53-58. George E. Brooks, *Eurafricans in Western Africa: Commerce, Social Status, Gender and Religious Observance from the Sixteenth to Eighteenth Century* (Athens: Ohio University Press, 2003). Mariana P. Candido, *An African Slaving Port and the Atlantic World: Benguela and Its Hinterland* (Cambridge: Cambridge University Press, 2013). Philip D Curtin, *Cross-Cultural Trade in World History*, Edição Digital (Cambridge:

igualdade a ação do agente africano e europeu pretende-se reduzir a presente desigualdade na historiografia, nomeadamente a pouca ou nenhuma atenção dada aos africanos em alguma análise histórica da relação África/Europa. Este é um dos objetivos da Agenda 2030 das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável e é central para este projeto de investigação. Pretende-se também contribuir para a historiografia da expansão portuguesa, da história atlântica, do tráfico transatlântico de escravos e dos mecanismos de cooperação num mundo sujeito a mudanças profundas.

A costa ocidental africana estava há muito integrada nos circuitos comerciais africanos, embora não fosse central para essas dinâmicas. A chegada dos mareantes portugueses veio criar novos canais de distribuição e padrões de procura que, para além de darem centralidade a uma região periférica, afetou equilíbrios, criou ruturas e potenciou conflitos.⁵ Alguma incidência no tema do tráfico transatlântico de escravos justifica-se por ser fundamental para perceber todo o período moderno. A sua centralidade na colonização da América é inquestionável, reequacionando-se o seu papel na história geral de África. Estas migrações forçadas de indivíduos tiveram um impacto

Cambridge University Press, 2002). Diogo Ramada Curto e Anthony Molho (eds.), *Commercial Networks in the Early Modern World* (Florença: European University Institute, 2002). David Eltis e Stanley L. Engerman (eds.), *The Cambridge World History of Slavery: Volume 3, AD 1420–AD 1804* (Cambridge: Cambridge University Press, 2011). P. C. Emmer; O. Pétré-Grenouilleau e J. Roitman, (eds.), *A Deus ex Machina Revisited: Atlantic Colonial Trade and European Economic Development* (Leiden: Brill, 2006). Paul E. Lovejoy, *Transformations in Slavery: A History of Slavery in Africa*, 3ª Edição (Cambridge: Cambridge University Press, 2012). Isabel Castro Henriques, *Os Pilares da Diferença. Relações Portugal-África. Séculos XV-XX* (Casal de Cambra: Caleidoscópico, 2004). Linda Heywood, “Slavery and Its Transformation in the Kingdom of Kongo, 1491-1800”, *The Journal of African History*, Vol. 50, Nº 1 (2009): 1-22. Johnson Leroy-Donald, *Congolese-Portuguese Relations, 1482-1543: The First Phase of Lusitanian Expansion in Tropical Africa*, [Tese de Doutoramento], The University of Michigan, 1981. Ana Cristina Roque, “The Sofala Coast (Mozambique) in the 16th Century: Between the African Trade Routes and Indian Ocean”. Iain Walker; Manuel João Ramos e Preben Kaarsholm, (eds.), *Fluid Networks and Hegemonic Powers in the Western Indian Ocean* (Lisboa: Centro de Estudos Internacionais, 2017): 19-36. Daniel B. Domingues da Silva, *The Atlantic Slave Trade from West Central Africa, 1780-1867* (Nova York: Cambridge University Press, 2017). Filipa Ribeiro da Silva, *Dutch and Portuguese in Western Africa. Empires, Merchants and the Atlantic System, 1580-1674* (Leiden: Brill, 2011).

⁵ Herman L. Bennet, *African Kings and Black Slaves: Sovereignty and Dispossession in the Early Modern Atlantic* (Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2018). J. Bato'ora Ballong-Wen-Mewuda, *São Jorge da Mina, 1482-1637* (Lisboa/Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993), 2 Volumes. Boubacar Barry, *Senegambia and the Atlantic Slave Trade* (Cambridge: Cambridge University Press, 2010). Timothy Joel Coates, *Exiles and Orphans. Forced and State-Sponsored Colonizers in the Portuguese Empire, 1550-1720*, [Tese de Doutoramento], University of Minnesota, 1993, 2 Volumes. Emilia Viotti da Costa, “The Portuguese-African Slave Trade: A Lesson in Colonialism”, *Latin American Perspectives*, Vol. 12, Nº 1 (1985): 41-61. John Donoghue e Evelyn P. Jennings (eds.), *Building the Atlantic Empires: Unfree Labor and Imperial States in the Political Economy of Capitalism, ca. 1500-1914* (Leiden: Brill, 2015). Luís Miguel Duarte, “Os Negros da Terra Verde: (Guerra e Captura de Escravos na Costa Ocidental Africana, 1433-1448)”, *Revista de História das Ideias*, Vol. 30 (2009): 233-259. Green, A *Fistful*. Lovejoy, *Transformations*. Orlando Patterson, *Slavery and Social Death: A Comparative Study* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982). Walter Rodney, *A History of the Upper Guinea Coast 1545-1800* (Oxford: Clarendon Press, 1970).

profundo em todo o mundo, sendo um exemplo perfeito de uma primeira globalização.⁶ Acresce que este comércio moldou indelevelmente as relações entre todos os espaços atlânticos, deixando marcas profundas até hoje.

É consensual que o início do tráfico transatlântico de escravos coincide com o amanhecer de um mundo cada vez mais globalizado. Em 1444, segundo o relato de Gomes Eanes de Zurara na sua “Crónica da Conquista da Guiné”⁷, chegam a Lagos os primeiros escravos africanos trazidos pelos navegadores portugueses para serem vendidos em Portugal. Considera-se que este é o momento fundacional do tráfico transatlântico de escravos, assim como é fundamental a construção da fortaleza de Arguim em 1448, que estabelece o primeiro entreposto comercial europeu na costa ocidental africana. Durante o século XV, o tráfico transatlântico de escravos floresce nas costas da África Ocidental (Senegâmbia e Serra Leoa). Temos também a colonização do arquipélago de Cabo Verde, uma das primeiras experiências de agricultura intensiva a utilizar mão-de-obra africana escravizada, assim como a colonização do arquipélago de S. Tomé no final desse século. Cabo Verde e S. Tomé tornar-se-ão importantes entrepostos no tráfico transatlântico de escravos para as novas colónias americanas. De referir que o tráfico de escravos não foi uma criação europeia, já que a escravatura e o comércio de indivíduos existiam há muito nas sociedades africanas. Os europeus criaram novas exigências de procura e novos canais de distribuição, especialmente após a descoberta do Novo Mundo, que geraria novas necessidades de colonização e de mão-de-obra para a agricultura de plantação e mineração.⁸

⁶ Jeremy Black, *The Atlantic Slave Trade in World History* (Nova York: Routledge, 2015). D'Maris Coffman; Adrian Leonard e William O'Reilly (eds.), *The Atlantic World* (Oxon: Routledge, 2015). David Eltis e David Richardson (eds.), *Extending the Frontiers: Essays on the New Transatlantic Slave Trade Database* (New Haven: Yale University Press, 2008). Eltis e Engerman, *The Cambridge*. David Eltis e David Richardson, *Atlas of the Transatlantic Slave Trade* (New Haven: Yale University Press, 2015). Roquinaldo Ferreira, *Cross-Cultural Exchange in the Atlantic World: Angola and Brazil during the Era of the Slave Trade* (Cambridge: Cambridge University Press, 2012). Toby Green, *A Fistful of Shells: West Africa from the Rise of the Slave Trade to the Age of Revolution* (Londres: Allen Lane, 2019). Herbert S. Klein, *The Atlantic Slave Trade* (Cambridge: Cambridge University Press, 2010). Willem Klooster e Alfred Padula (eds.), *The Atlantic World: Essays on Slavery, Migration, and Imagination*, 2ª Edição (Nova York: Routledge, 2019). Joseph C. Miller, *Way of Death: Merchant Capitalism and the Angolan Slave Trade 1730-1830* (Londres: James Currey, 1988).

⁷ Gomes Eanes de Zurara, *Crónica dos feitos notáveis que se passaram na conquista de Guiné por mandado do infante D. Henrique* (Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1978-1981), 2 Volumes.

⁸ Luís Albuquerque (dir.), *Portugal no Mundo. Volume II: As Zonas de Influência do Ocidente; Origem e Desenvolvimento da Colonização* (Lisboa: Alfa, 1989). Amândio Barros (coord.), *Os Descobrimentos e as Origens da Convergência Global*. (Porto: Câmara Municipal do Porto/Associação para a Divulgação da Cultura de Língua Portuguesa, 2015). Arlindo Manuel Caldeira, *Escravos e Traficantes no Império Português* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2013). Ivana Elbl, *The Portuguese Trade with West Africa, 1440-1521*, [Tese de Doutoramento], University of Toronto, 1986. Vitorino Magalhães Godinho, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, 2ª Edição (Lisboa: Presença, 1991), 4 Volumes. António de Almeida Mendes, “Portugal e o Tráfico

2. AS FONTES

Este projeto de investigação baseia-se na pesquisa de fontes que nos permitam identificar um agente comercial, uma transação, a mercadoria transacionada e qual a relação entre as partes envolvidas. A recolha simultânea dos dados começará pela pesquisa em fontes já publicadas, concretamente: *Monumenta Henricina*;⁹ *Descobrimientos Portugueses: Documentos para a sua História*;¹⁰ *Documentação Ultramarina Portuguesa*;¹¹ *Portugaliae Monumenta Africana*¹² e *Monumenta Missionaria Africana*,¹³ entre outros.¹⁴ Será estudada literatura de viagens (roteiros, descrições geográficas e etnográficas, relatos e crónicas) da época, quer seja de produção nacional ou estrangeira, nomeadamente: o *Códice Valentim Fernandes*;¹⁵ o *Esmeraldo de Situ Orbis* de Duarte Pacheco Pereira;¹⁶ as *Viagens de Luís de Cadamosto*;¹⁷ a *Crónica de uma Viagem à costa da Mina no Ano de 1480* de Eustache de La Fosse;¹⁸ e a

de Escravos na Primeira Metade do Século XVI”, *Africana Studia*, Nº 7, Jan/Dez (2004): 13-30, Separata. Maria do Rosário Pimentel, *Chãos de Sombras: Estudos sobre Escravatura* (Lisboa: Colibri, 2010). James A. Rawley e Stephen Behrendt, *The Transatlantic Slave Trade. A History, revised edition* (Lincoln: University of Nebraska Press, 2005). Lumumba Hamilcar Shabaka, *Transformation of 'Old' Slavery into Atlantic Slavery, Cape Verde Islands, c. 1500–1879*, [Tese de Doutoramento], Michigan State University, 2013.

⁹ *Monumenta Henricina* (Coimbra: Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960-1974), 15 Volumes.

¹⁰ João Martins da Silva Marques (org.), *Descobrimientos Portugueses: Documentos para a sua História* (Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988), 5 Volumes.

¹¹ António Silva Rego (org.), *Documentação Ultramarina Portuguesa* (Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1960-1967), 5 Volumes.

¹² Luís de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos (dirs.), *Portugaliae Monumenta Africana*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993-2002. 4 Volumes.

¹³ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana* (Lisboa: Agência Geral do Ultramar e Centro de Estudos Africanos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1952-2004), 22 Volumes.

¹⁴ Luís de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos, *História Geral de Cabo Verde: Corpo Documental* (Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1988-1990), 2 Volumes. Cristiano José de Sena Barcelos, *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné* (Lisboa: Academia Real das Ciências, 1899-1905), 3 Volumes. *Coleção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas* (Lisboa: Academia Real das Ciências, 1812-1867), 2 Volumes. Luciano Cordeiro, *Memórias do Ultramar. Viagens, Explorações e Conquistas dos Portuguezes: Da Mina ao Cabo Negro (1574-1620)* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1881). José Eduardo Franco, *Arquivo Secreto do Vaticano. Expansão Portuguesa – Documentação. Tomo I: Costa Ocidental de África e Ilhas Atlânticas* (Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2011). Beatrix Heintze, *Cartas e Documentos Oficiais da Colectânea Documental de Fernão de Sousa (1624-1635)* (Estugarda: Franz Steiner, 1988).

¹⁵ *Códice Valentim Fernandes* (Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1997).

¹⁶ Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de situ orbis* (Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1988).

¹⁷ Luís de Cadamosto e Pedro de Sintra. *Viagens* (Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1988).

¹⁸ Eustache de La Fosse, *Crónica de uma Viagem à Costa da Mina no Ano de 1480* (Lisboa: Vega, 1992).

Description and historical account of the Gold Kingdom of Guinea (1602) de Pieter de Marees,¹⁹ entre outros.²⁰

3. METODOLOGIA

É hoje clara perceção historiográfica de que, no período em estudo, os portugueses não controlaram sozinhos o tráfico de escravos em território africano e para aceder a este trato tiveram de estabelecer relações comerciais com agentes locais.²¹ Na historiografia portuguesa não conhecemos nenhum estudo unicamente centrado na interação entre mercadores portugueses e agentes africanos, quer fossem elites políticas, quer fossem comerciantes. Faltam também estudos sobre a forma como a cooperação/concorrência e confiança/desconfiança moldaram o estabelecimento das rotas do tráfico negreiro e as relações institucionais entre as várias entidades, visíveis nas

¹⁹ Pieter de Marees, *Description and historical account of the Gold Kingdom of Guinea (1602)* (Oxford: Oxford University Press, 1987).

²⁰ André Álvares de Almada, *Tratado Breve dos Rios de Guiné do Cabo Verde* (Lagos: Câmara Municipal de Lagos, 1998). João de Barros, *Ásia – Década I* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988). Domingos de Abreu e Brito, *Um Inquérito à Vida Administrativa e Económica de Angola e do Brasil em fins do século XVI* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1931). Francisco de Lemos Coelho, *Dois Descrições Seiscentistas da Guiné* (Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1953). André Donelha, *Descrição da Serra Leoa e dos Rios da Guiné do Cabo Verde* (Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1977). Damião de Góis, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel* (Coimbra: Universidade de Coimbra, 1949-195), 4 Volumes. *História do Reino do Congo: Ms. 8080 da Biblioteca Nacional de Lisboa* (Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1969). João Baptista Lavanha, *Dois Roteiros do Século XVI* (Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963). Duarte Lopes e Filippo Pigafetta, *Relação do Reino do Congo e das Terras Circunvizinhas* (Lisboa: Alêtheia Editores, 2015). Luís de Matos, *Itinerarium Portugalensium* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992). João António Cavazzi de Montecúccolo, *Descrição Histórica dos Três Reinos do Congo, Matamba e Angola* (Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965). Damião Peres, *Os Mais Antigos Roteiros da Guiné* (Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1992). Rui de Pina, *Crónica de D. João II* (Lisboa: Publicações Alfa, 1989). Samuel Purchas, *His Pilgrimage*, 2nd Edition (Londres: William Stansby, 1614). Carmen M. Radulet, *O Cronista Rui de Pina e a "Relação do Reino do Congo": Manuscrito Inédito do "Códice Riccardiano 1910"* (Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1992). E. G. Ravenstein (ed.), *A Journal of the First Voyage of Vasco da Gama, 1497-1499* (Cambridge: Cambridge University Press, 1898). Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991). Zurara, *Crónica*.

²¹ Stephen D. Behrendt; David Eltis e David Richardson, "The Costs of Coercion: African Agency in the Pre-modern Atlantic World", *Economic History Review*, LIV, Nº 5 (2001): 454-476. Brooks, *Eurafricans*. Philip J. Havik, "Traders, Planters and Go-betweens: The Kriston in Portuguese Guinea", *Portuguese Studies Review*, Nº 19, 1-2 (2011): 197-226. Walter Hawthorne, *Planting Rice and Harvesting Slaves* (Londres: Heinemann Educational Books, 2003). Peter Mathias, "Risk, Credit and Kinship in Early Modern Enterprise", John J. McCusker e Kenneth Morgan, *The Early Modern Atlantic Economy* (Cambridge: Cambridge University Press, 2000): 15-35. David Richardson e Filipa Ribeiro da Silva (eds.), *Networks and Trans-cultural Exchange: Slave Trading in the South Atlantic, 1590-1867* (Leiden: Brill, 2015). Stuart B. Schwartz, *Tropical Babels: Sugar and the Making of the Atlantic World, 1450-1680*, New Edition (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2004). John K. Thornton, *Africa and Africans in the Making of the Atlantic World, 1400-1800* (Cambridge: Cambridge University Press, 1998).

relações diplomáticas, construção de feitorias e autorizações de residência e casamentos. Importante é também perceber como os níveis de confiança afetaram a percepção dos portugueses sobre as populações africanas (e vice-versa) e se isso se refletiu em estereótipos condicionantes do negócio.

Crê-se que o estudo dos mecanismos que permitiram o estabelecimento destas redes comerciais só é possível através de uma análise histórica cruzada com as áreas da economia e dos estudos literários e culturais.²² A partir desta análise pretende-se desenvolver ferramentas teóricas e metodológicas que permitam identificar modelos de relacionamento entre portugueses e africanos e perceber a sua importância no estabelecimento destas relações comerciais. Neste campo, salientam-se os trabalhos de análise de redes de negócio desenvolvidas pelo DynCoopNet (<http://www.dyncoopnet-pt.org/>).²³ Ao abordá-las através de um enfoque diferente, este projeto de investigação aumentará o conhecimento sobre o encontro entre a Europa e África num período fundamental para a história da Humanidade. Procurará também analisar a importância das migrações forçadas na construção de um mundo verdadeiramente globalizado, focando-se nos agentes, nas redes transnacionais e transculturais e nos mecanismos formais e informais de interação.

A análise está alicerçada na construção de uma base de dados que sistematize a informação recolhida. De seguida, partindo sempre das problemáticas iniciais, formulam-se hipóteses sobre os valores de confiança, reputação e *kinship* nos mecanismos de interação intercultural. Finalmente, será construído um modelo analítico sobre estes mecanismos de relacionamento económico e social que poderá (ou não) ser aplicado a outras regiões, a outros comércios e/ou outros contextos históricos.

²² Andrew Apter e Lauren Derby (eds.), *Activating the Past: History and Memory in the Black Atlantic World* (Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2010). Thomas Benjamin, *The Atlantic World: Europeans, Africans, Indians and Their Shared History, 1400-1900* (Cambridge: Cambridge University Press, 2009). Josiah Blackmore, *Moorings. Portuguese Expansion and the Writing of Africa* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009). Toby Green, *The Rise of the Trans-Atlantic Slave Trade in Western Africa, 1300-1589* (Cambridge: Cambridge University Press, 2014). Linda Heywood (ed.), *Central Africans and Cultural Transformations in the American Diaspora* (Cambridge: Cambridge University Press, 2002). Stuart B. Schwartz (ed.), *Implicit Understandings: Observing, Reporting and Reflecting on the Encounters between Europeans and Other Peoples in the Early Modern Era* (Cambridge: Cambridge University Press, 1995). James H. Sweet, *Recreating Africa. Culture, Kinship, and Religion in the African-Portuguese World, 1441-1770* (Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2003). John K. Thornton, *A Cultural History of the Atlantic World, 1250-1820* (Cambridge: Cambridge University Press, 2012). Caroline A. Williams (ed.), *Bridging the Early Modern Atlantic World: People, Products and Practices on the Move* (Surrey: Ashgate, 2009).

²³ Ana Sofia Vieira Ribeiro, *Mechanisms and Criteria of Cooperation in Trading Networks of the First Global Age. The Case Study of Simon Ruiz Network, 1557-1597*, [Tese de Doutoramento], Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011. Ana Sofia Ribeiro, *Early Modern Trading Networks in Europe: Cooperation and the Case of Simon Ruiz* (Londres: Routledge, 2015).

Outro dos objetivos maiores deste projeto de investigação é construir uma base de dados que identifique os agentes no terreno, quer sejam africanos, quer sejam europeus. Assim, sempre que possível, recolhem-se os dados biográficos referidos nas fontes, ficando uma análise do seu papel concreto no estabelecimento de relações entre as partes para uma fase mais avançada. É nossa convicção que esta sistematização nunca foi feita até hoje, tanto no tempo, como no espaço em estudo.

Como produto deste projeto de investigação pretende-se a publicação de uma monografia que faça chegar as suas conclusões a um público mais alargado, contribuindo para um debate informado sobre um dos temas mais sensíveis do encontro de sociedades: a chegada dos europeus à costa ocidental africana e as consequências da integração destas zonas geográficas num mundo global. Pretende-se integrar a base de dados num sítio *online* e torná-la acessível e passível de contribuição por parte de outros investigadores. O ideal seria conseguir estabelecer um modelo informático que, a partir da introdução de dados sobre agentes sociais e suas interações, permitisse identificar tipos de relações socioculturais. Este sítio *online* seria livre em termos de acesso à informação, mas condicionado (mediante um registo prévio) em termos de contribuição, um pouco à imagem da *Trans-Atlantic Slave Trade Database* (<http://www.slavevoyages.org/>), dando continuidade ao projeto e alargando sobremaneira a base de contribuição de dados. Desta forma, robusteciam-se as conclusões e criavam-se dinâmicas de cooperação entre os vários investigadores interessados.

A metodologia deste projeto assenta na revisão da bibliografia (12 meses). A recolha de dados inicia-se pelas fontes bibliográficas (12 meses), seguindo-se as fontes arquivísticas (12 meses), ao mesmo tempo que se constrói e carrega a base de dados (18 meses). Segue-se o tratamento e análise dos dados (12 meses) e a disponibilização da *webpage* (8 meses). Conclui-se com a escrita (36 meses) e revisão da tese (3 meses). Ao longo do projeto pretende-se disseminar conhecimento através de missões de pesquisa no exterior, participação em congressos internacionais e publicação em revistas reputadas (ver **Fig. 2**).

4. DESENVOLVIMENTOS

Se o que interessa são os encontros entre representantes de diferentes continentes, é preciso tipificar estes eventos de modo a facilitar a sua análise. Estas categorias são uma abstração do investigador, que surgiram após uma fase avançada de recolha de informação nas fontes. Assim, como tipologia provisória de encontros propõe-se:

- Conflito – sempre que existe um ato de violência entre as duas partes (doravante africana e europeia);
- Rapto – sempre que um agente europeu recolhe, por meio violento, africanos para venda como escravos ou posterior resgate;
- Traição – sempre que existe uma tentativa deliberada de enganar ou atacar por uma das partes em contraponto com as expectativas da outra parte;
- Transação comercial – sempre que existe compra/venda de produtos entre as partes;
- Presente – sempre que existe a oferta de algo, espontaneamente ou formalizada, que vise uma reação positiva e favorável pela outra parte;
- Conversão – sempre que um agente africano se converte à religião cristã, independentemente dos motivos dessa conversão;
- Embaixada diplomática – sempre que uma das partes pretende encetar contatos iniciais ou estabelecer uma relação duradoura com a outra parte mediante a ação de agentes no outro território (África/Europa);
- Restrição ao comércio – sempre que uma das partes pretende limitar, por ordens ou ações concretas, o comércio numa determinada área da costa ocidental africana;
- Aliança militar – sempre que uma das partes auxilia a outra contra rivais locais;
- Acordo de paz – sempre que existe uma formalização ou vontade expressa de paz duradoura entre as partes.

Como exemplos destes vários encontros, desenvolveu-se a Tabela 1. São exemplos meramente ilustrativos que possibilitam uma melhor compreensão sobre o porquê da criação desta tipologia (ver **tabela 1**).

Tal como já mencionámos, o objetivo pretendido com esta tipologia é a facilidade de análise. Como passo posterior, pretende-se equivaler cada um destes tipos a uma escala numérica que qualifique o grau de cooperação entre as partes. Esta quantificação permitirá uma gradação dos eventos identificados, que poderá passar por diferentes cores ou ícones aquando da fase posterior de mapeamento. Até ao momento só encontrámos uma escala que minimamente satisfaz o que se pretende. No entanto, nada nos inibe de procurar e tentar encontrar (ou desenvolver nós mesmos) outra escala que melhor se adegue aos eventos identificados. A escala provisoriamente utilizada é a desenvolvida para a análise de redes comerciais pelo DynCoopNet e expressa-se na Imagem 3 (ver anexo).

5. COMENTÁRIOS FINAIS

Para além dos objetivos já referidos anteriormente, também nos propomos a: atualizar perspetivas sobre as relações entre portugueses (e demais europeus) e africanos num contexto de dois séculos de encontros de sociedades tão distintas; identificar e estudar formas de reconhecimento de alteridade e de como elas contribuíram para a formação da visão do outro como antagónico ou como parceiro; compreender de que forma estes estereótipos influenciaram o tráfico transatlântico de escravos e o estabelecimento das suas redes comerciais; comparar a especificidade dos mecanismos identificados no tráfico transatlântico de escravos com os resultados apurados para outras realidades comerciais, tendo em conta outros tratos (por exemplo, o ouro), ou as estratégias usadas por outras nações europeias (holandeses, franceses e ingleses), bem como os resultados conhecidos para outros períodos temporais; criar ferramentas para integrar, numa opção futura, os resultados deste projeto de investigação numa base contributiva mais alargada.

Fruto de o início deste projeto de investigação ter sido só em outubro passado, ainda não dispomos de dados recolhidos que nos permitam qualquer tipo de conclusões preliminares. Assim sendo, terminamos este artigo lembrando o que foi dito no seu início: esta é simplesmente a apresentação de um projeto de investigação que pretende estudar mecanismos de comércio, cooperação e conflito na costa ocidental africana nos séculos XV e XVI, com algum enfoque no tráfico transatlântico de escravos e no papel central dos agentes africanos em todas estas dinâmicas.

ANEXOS

Documento

Tipo Data Mercadoria

1º Sujeito(s)

Dados

2º Sujeito(s)

Dados

Tipo de Relação Classificação

Algum Africano?

Localização

Nome Coevo

Nome Atual GPS

Sumário

Os Soasas caem sobre os Portugueses — Perda e encontro de um retábulo da Virgem — Vitória portuguesa sobre o Lucala — Traição dos Soasas — Vitória Portuguesa — Províncias do Reino de Angola — Produtos vegetais e minerais da terra — Baptismos — Religião dos naturais — Relações com o Monomotapa por terra e com Benguela.

Transcrição

No mes de Julho de 85, indose a nossa guerra apoderando de quasi toda a liamba, que será a terça parte deste Reino, que está entre a Lucala, e o Reyno de Congo, indo por diante para

Fonte

Tipo de Fonte

Arquivo

Fundo Data da Consulta

Cota

Ref. Bibliográfica

URL

Fig. 1 – Exemplo de uma entrada na base de dados

Cronograma do Projeto de Investigação

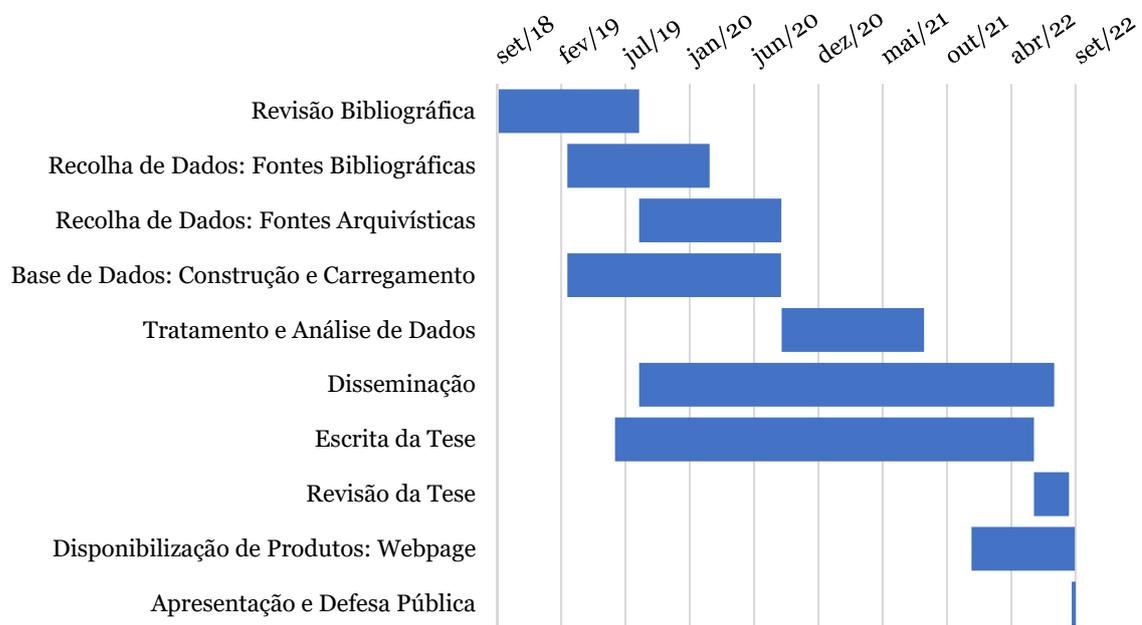


Fig. 2 – Cronograma do projeto de investigação

NUMERIC CLASSIFICATION	CONCEPTUAL CLASSIFICATION	DEFINITION
+3	COLLABORATION	Expresses long date dependency relations. This intense grade of cooperation includes, e.g. the inclusion of a new agent in the network, the equal sharing of gains and losses and the division of tasks through an interconnected specialization, such as commissioners.
+2	CO-ORDINATION	Demands mutualism between two agents. It can be named as investment relationships, where the two parties exchange services. It includes mutual social help between some social circles, to introduce new agents in a business, giving technical advice, facilitating loans, etc.
+1	COMUNICACION	It is a minimum requirement to cooperation, sharing some amount of information, which will raise the predictability of business, reduce costs and open certain markets. It could also include a warning from an outsider, an advice on new sale and investment opportunities, giving a recommendation on behalf of someone.
-1	DEFECTION	One of the agents refuses to cooperate, when he is expected to.
-2	CHEATING	Deliberate non-cooperation, with gains from the benefits from others, without costs, with the inherent risk of being punished.
-3	COMPETITION	Individuals who exclude themselves from the network, boycotting the cooperation within the network and cut off unilaterally relations with former commercial partners.

Fig. 3 – Escala de níveis de cooperação²⁴

²⁴ Ana Sofia Ribeiro, *Mechanisms and Criteria of Cooperation in Trading Networks of the First Global Age. The Case Study of Simon Ruiz Network, 1557-1597*, [Tese de Doutoramento], (FLUP, 2011), 45-46.

Citação**Tipologia**

<p>... ainda que agora não são tantos, por rezaõ de hum alevantamento e treçoés, que el Rej de Angola fez ao Governador de Portugal, que ali está, matandolhe trinta portuguezes e grande copia de escravos que consigo tinhaõ, com lhe tomar fazenda avaliada em vinte mil cruzados, dando guerra por outra parte ao mesmo Governador em huã alde[i]a onde o sercou com doze mil negros, nao tendoo Governador consigo mais que alguns sesenta portuguezes e dozentos pretos ChristaÕs, mas com esses os desbaratou...²⁵</p>	<p>Conflito</p>
<p>Ally foe morto aquelle nobre cavalleiro Nuno Tristã, muy deseioso desta vida porque nom ouuera lugar de cõprar sua morte como vallente home. E assy outro cavalleiro que se chamaua Joham Correa e hüu Duarte dOllanda. E Esteuam dAlmeida e Diego Machado, homeês fidalgos e mancebos, que o Jffante criara ê sua camará. E assy outros scudeiros e homeês de pee daquella meesma oriaçom. E desy mareantes e outra gente do nauyo. Abasta que foram per todos xxj, porque de sete que ficaron na carauella foram ajnda ferydos dous em querendo leuãtar suas ancoras.²⁶</p>	<p>Conflito</p>
<p>... e em esto começaram de seguyr dereitamente aquelles que viinham, pensando que eram mouros de pelleia, o que acharom muyto pelolo contrairo, ca todas cinco eram molheres, as quaaes receberom com leda voontade, como cousa que tam sem trabalho acrecentava em seu cabedal; desy levaronnas com os outros a seus navyos.²⁷</p>	<p>Rapto</p>
<p>E dally ouverom conselho de se jr ao Cabo do Resgate, onde foram em terra e acharõ rastro de mouros. E como quer que por rezam da cada sua jda em terra fosse muy perygosa, consyrãdo como tomavã sem presa pera o Regno, foram constrãgidos de se despoer ao perigo e desy começaram de seguyr aquelle rastro, entãto que passadas duas legoas chegarõ aos mouros onde com seu pouco trabalho tomarom delles Rviiij.^{o28}</p>	<p>Rapto</p>
<p>... and at last we perceived a great many of them to stand at the ende of a hollow way, and behinde them the Portugales had planted a base, who suddendly shote at us... Then the negroes came to the rocks hard by us, and discharged calievers at us...²⁹</p>	<p>Traição</p>

²⁵ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1570-1599)*, 44, Vol. III (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1953), 192.

²⁶ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1342-1499)*, 15, Segunda Série, Vol. I (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1958), 62.

²⁷ *Monumenta Henricina*, 119, Vol. IX (Coimbra: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1968), 162.

²⁸ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1342-1499)*, 17, Segunda Série, Vol. I (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1958), 72.

²⁹ John William Blake (ed.), *Europeans in West Africa, 1450-1560*, 142, Vol. II (Londres: The Hakluyt Society, 1942), 388.

<p>... Pero Vaz em o rio Çanagá com aquelle gram poder que espãtou a todolos bárbaros da terra, estando já na obra da fortaleza (a qual segundo dizem foy elegida em máo lugar por razam das cheas do rio) dentro em o seu navio matou Bemoij ás punhaladas, dizendo q lhe ordenáva traçam. Algüs afirmam que Pero Vaz neste caso foy enganado, e que mais condenou à morte dom Joam Bemoij começar algüa gête adoecer por ser lugar doentio, que elle Pero Vaz mais temeo que a traçam, como quem avia de ficar na fortaleza depois que fosse feita...³⁰</p>	Traição
<p>... while they were at the shoare, there came a young fellow, which could speake a little portuguese, with three more with him, and to him i solde 39 basons and two small white saucers for three ounces...³¹</p>	Transação comercial
<p>Gomez Pirez patram que éra outro desta conserva de Lançarote veose per o rio do ouro: e aly tratou com os mouros, dos quáes ouve per resgate hü negro, prometendo-lhe que ao seguinte anno se aly tornasse os acharia apercebidos de ouro e escravos com que podésse caregar o navio...³²</p>	Transação comercial
<p>Balltasar de Crasto resposteyro da camara e cama que fuy del rey vosso pay que santa grorya ha faço saber a Vossa Alteza que el rey do Conguo me tyrou de catyvo de poder d'Amguola... e el rey me deu de vestir que vinha nu e aquy achey nova que mynha fazemda era tomada ou embarguada per Vossa Alteza...³³</p>	Presente
<p>... and then came a boate to us with five men in her, making signes by the sunne that within two houres the marchants of the countrey would come downe and buy all that we had; so I gave them sixe manillos to carry to their captaine... and shortly after, one came downe arrayed like their captaine with a great traine after him, who saluted us firendly...³⁴</p>	Presente
<p>... e totalas cousas se fezerem prestes pera o dicto Manisonho receber a agoa do baptismo, dia de Pascoa da Ressureiçam tres dias de Abril de mil quatrocentos e noventa e hum... e foy preguntado ao dicto Senhor como queria aver nome, e disse, que Dom Manuel; porque assy lhe disseram que avia nome o Irmãao da Raynha de Portugal, que era Duque; porque tambem elle era Duque, e fora Irmãao da Raynha; e ao</p>	Conversão

³⁰ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1342-1499)*, 85, Segunda Série, Vol. I (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1958), 559.

³¹ John William Blake (ed.), *Europeans in West Africa, 1450-1560*, 142, Vol. II (Londres: The Hakluyt Society, 1942), 381.

³² António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1342-1499)*, 25, Segunda Série, Vol. I (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1958), 122.

³³ *As Gavetas da Torre do Tombo*, 5426, Vol. X (Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1974), 383.

³⁴ John William Blake (ed.), *Europeans in West Africa, 1450-1560*, 142, Vol. II (Londres: The Hakluyt Society, 1942), 388.

filho chamaram Dom Antonio. E foram seus Padrinhos o Capitam, e outros principaaes da frota... ³⁵	
A ti, gram Rej de Portugal. Eu o Rej de Guinála, per nome da terra Bamallá, saúde te inuio. Pola continuação que tenho dos teus brancos, e polas grandezas que comigo e com minha gente tem usado Sebastião Fernandez Caçaõ, naõ soo agora mas antes em tempo de meu antecessor, o Rej Campecho, tanto de má natureza pera os teus brancos que por esse respeito o ditto Sebastião Fernandez Caçaõ se levantou desta terra pera o Rejno de Bigobá, onde esteve tee que socedi nelle, e cõ rogos meus o obriguej a que tornasse a esta terra, prometendolhe compriria tudo quanto elle antes me tinha pedido e me fazia christaõ... ³⁶	Conversão
Acordou elRey de lhe dar e deu de socorro e ajuda, vinte caravellas armadas: e por capitã moor delias Pero Vaaz da Cunha: que levava por mandado de fazerê na entrada do Rio de Çanagá, hüa fortaleza que nõ fosse dada ao dicto Bemoy: mas estevesse sêpre por elRey... ³⁷	Embaixada diplomática
Acordou elRey de lhe dar e deu de socorro e ajuda, vinte caravellas armadas: e por capitã moor delias Pero Vaaz da Cunha: que levava por mandado de fazerê na entrada do Rio de Çanagá, hüa fortaleza que nõ fosse dada ao dicto Bemoy: mas estevesse sêpre por elRey... ³⁸	Embaixada diplomática
E quamto a ellrey de benj[m], quamdo a esta jlha achig[u]ey, fraçisco de bair[r] os e amtonio marquez feitor rne foy dito que avia dias que tinha ser[r]ado ho rio por averem que hera asy [m] nesarario e asy [m] ho tynhaõ escrito a v. a. e que lhe parecia cousa nesararia ates de tornarem a ter cõ elle cõverçasaõ e trato serem castygados... ³⁹	Restrição ao comércio
Eu elRey faço saber a quantos este meu alvará vire, que elRey de Manicongo, meu muyto amado e prezado Jrmaao, me [emuio] dizer per seus embaixadores que alguüs de [meus] vassalos e naturais que vam tratar ao Rio d Angola e asy a [...] minas de seu dinheiro, de que se seguiam grandes [incomue]-nientes ao seruiço de Deus e be da christandade e segurança de seu Reyno... e me praz que da publicaça delle em diante, nenhuü meu vasalo e naturall, de qualquer calidade e	Restrição ao comércio

³⁵ Rui de Pina, *Crónica de el-Rei D. João II* (Coimbra: Atlântida, 1950), 160.

³⁶ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1570-1600)*, 66, Segunda Série, Vol. IV (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1968), 255.

³⁷ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1342-1499)*, 82, Segunda Série, Vol. I (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1958), 541.

³⁸ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1471-1531)*, 52, Vol. I (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1952), 193.

³⁹ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1532-1569)*, 97, Vol. II (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1953), 292.

condição que seja, vaa ao dito Rjo d'Amgolla né ás ditas suas minas, sob pena de morte naturall, na quall êcorrerão sendolhe provado.... ⁴⁰	
Sebastião Fernandez Caçaõ escreveo a V. Magestade que estava no meu porto e se aleuantou daqui pera o Rejno de Guinéla, e isto foi com meu consentimêto, porque o Rej dela se queria fazer christaõ, e deixou me aqui quem eu cuidej que me podesse guardar, porque me deixou brancos cõ peças de artelharia e moniçoês bastantes pera guardar o ditto porto... Deste meu Rejno de Bigubá, a 24 d'Abril de 607 annos. / Eu Emehabele Rej de Bigubá ⁴¹	Aliança militar
Acordou elRey de lhe dar e deu de socorro e ajuda, vinte caravellas armadas: e por capitã moor delias Pero Vaaz da Cunha: que levava por mandado de fazerê na entrada do Rio de Çanagá, hüa fortaleza que nõ fosse dada ao dicto Bemoy: mas estevesse sêpre por elRey... ⁴²	Aliança militar
E eu Diogo Gomes tive muito tempo depois uma ancora que me deu de presente o rei dos pretos. E eu fui o primeiro cristão que fiz pazes com eles, e este rei se chama Nomemans e é senhor de muitas almadias. ⁴³	Acordo de Paz
Estava em tanta paz com o Rey de Angola, que andavam os Purtuguezes tão seguros pello Reyno como se andarão em Portugal, nem avia quem levantasse olhos para hum Portuguêz, por saberem [a] amizade de seu Rey com o Governador e que sem os nossos não podia viver. A esta amizade respondia bem por sua parte o Governador, dando-lhe socorro para suas guerras... ⁴⁴	Acordo de paz

Tabela 1 – Exemplos de tipologias de encontros.

⁴⁰ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1532-1569)*, 102, Vol. II (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1953), 323.

⁴¹ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1570-1600)*, 64, Segunda Série, Vol. IV (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1968), 252.

⁴² António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1342-1499)*, 82, Segunda Série, Vol. I (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1958), 541.

⁴³ Diogo Gomes de Sintra, *Descobrimento Primeiro da Guiné* (Lisboa: Edições Colibri, 2002), 60.

⁴⁴ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1469-1599). Suplemento aos Séculos XV e XVI*, 133, Vol. IV (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1954), 557.